
EDITORIAL

1. *Na conjuntura internacional, na qual está em curso um dinâmico processo de mudança e de reestruturação da ordem internacional, cinco regiões devem merecer, de momento, particular atenção, pelos seus potenciais reflexos na defesa nacional:*

- a chamada Europa de Leste;*
- o Médio Oriente;*
- o Norte de África;*
- os Estados Unidos da América;*
- a África Austral.*

Nas quatro primeiras, que abordaremos, vêm-se acumulando fenómenos inquietantes; na última, parece desenharem-se perspectivas desanuviadoras e favoráveis aos interesses nacionais.

2. *Na Europa de Leste, após um período de euforia consequente do desmoronamento da «cortina de ferro» e do acesso a formas mais desenvolvidas de participação democrática, começam a tornar-se evidentes as enormes dificuldades da mudança e da reestruturação política, económica e social. A modernização do tecido económico exige recursos financeiros que escasseiam; não há quadros nem capacidade de iniciativa que permitam estruturar, em termos eficazes, algo de novo que substitua a velha ordem autoritária-paternalista; vão-se desenvolvendo formas de indisciplina social, que dificultam, já não um maior dinamismo económico, mas a mera manutenção dos antigos níveis de produção; germinaram «expectativas crescentes» cuja não satisfação vem gerando um generalizado cepticismo e desencanto, a par do desenvolvimento de processos inflacionistas e*

de situações de desemprego crescente. Conjugam-se, assim, factores potenciadores de graves crises, no seio dos vários países, as quais podem vir a conjugar-se com outras decorrentes de eventuais tensões entre Estados da área, em consequência da emergência e renascimento de sentimentos nacionalistas. A situação pode ainda vir a intensificar o desenvolvimento, já hoje evidente, de correntes migratórias para Oeste que, por seu turno, podem exacerbar, em especial na Europa Central, sentimentos «chauvinistas» e xenófobos. Por razões de oportunidade e de lógica de mercado, bem como tendo em vista travar ou amortecer o quadro negativo acabado de referir, verificar-se-á, certamente, uma acentuada canalização de recursos de Oeste para Leste, o que originará, inevitavelmente, uma deslocação para Leste do «centro de gravidade» da Europa.

3. A problemática do Médio-Oriente tem sido, por razões evidentes, exaustivamente abordada nos últimos tempos. Nela se conjugam quatro grandes ingredientes que tendem a originar uma «mistura explosiva», propiciadora dum conflito com repercussões mundiais: elevado e sofisticado potencial militar, incluindo o risco de emprego de armas de destruição em massa; uma arma económica, como o petróleo, de efeitos à escala mundial; um radicalismo e messianismo político-religioso, com fortes cambiantes étnicas ou raciais; a pressão demográfica, associada a fortes assimetrias sociais. A situação na região pode ainda ter um efeito catalizador, de instabilidade, em todo o Norte de África, devendo naturalmente merecer especial atenção o vizinho NW africano; dinamizar e alargar a área de influência de movimentos violentos, fanáticos, alimentadores do terrorismo internacional; e ter efeitos de arrastamento, para Portugal, consequentes dos interesses dos EUA, cuja capacidade de intervenção na área depende, em grande parte, de posições portuguesas.

4. O Norte de África tem-se mantido aparentemente estabilizado. Todavia, qualquer que seja a evolução da actual crise no Golfo, esta terá profundos reflexos em toda a região em

apreço, os quais tendem a ser no sentido de movimentarem largas massas humanas e gerarem a instabilidade. Portugal pode vir, assim, a ficar próximo duma «linha da frente» o que, no mínimo, implicaria uma mais exigente capacidade de controlo dos espaços terrestre, marítimo e aéreo. Por outro lado, como já foi salientado em anterior editorial, há o risco de desenvolvimento de correntes migratórias maciças, susceptíveis de gerarem fenómenos graves de natureza económico-social, também favoráveis a manifestações xenófobas e racistas.

5. Os EUA debatem-se com uma crise económica, cuja dimensão e profundidade é exemplificada pela recente tensão entre a Presidência e o Congresso. Essa crise tende a agravar-se com os encargos decorrentes do esforço americano no Golfo e do aumento do preço do petróleo, podendo a situação vir a tornar-se insustentável. Uma crise acentuada e prolongada da economia americana terá evidentes consequências negativas à escala mundial. Todavia, pode acontecer que a crise do Golfo, com o aumento do preço do petróleo, sirva para travar economias concorrentes da americana, como são a japonesa e a alemã, e que, como parece acontecer, os americanos consigam dos seus aliados, em especial árabes, o financiamento, em grande parte, do seu esforço militar no Golfo, mesmo que este evolua para uma guerra aberta e violenta. Neste caso, a crise do Golfo e as suas sequelas poderiam ser, a prazo, regeneradoras duma posição americana predominante à escala mundial, mesmo no domínio económico.

6. A Europa Ocidental pode vir, assim, a encontrar-se cercada por uma área de instabilidade, o que aponta para uma particular acuidade da problemática da defesa nacional. O acastelar de núvens em torno da Europa desenvolvida não favorecerá atitudes de generosidade, mesmo no domínio da cedência de equipamentos militares. Poderão ser ilusórios alguns conceitos que germinaram relativamente a «dividendos da paz». Parece

prudente que qualquer estratégia nacional assente, essencialmente, em possibilidades nacionais. Tal tem particulares reflexos no domínio da estratégia genética. E nesta convirá não esquecer, em primeiro lugar, que os meios a obter devem ser adequados aos objectivos a alcançar ou ameaças a enfrentar e, em segundo lugar, que além dos custos de investimento, há que ter em atenção os custos de operação e de manutenção dos sistemas.